

Caso Kris

Kris toma medicação antidepressiva há mais de uma década. Separada sem filhos, procurou terapia para recuperar-se de divórcio litigioso. Ele queria filhos, ela não.

Apesar de sugestão da psiquiatra, Kris reluta em reduzir a medicação, pelo receio de deprimir e novamente não conseguir levantar-se da cama pelas manhãs **[III. Sintomas]**.

Lembra-se bem dos tempos em que era tomada pelo que chama de uma nostalgia constante, sem saber de que exatamente **[III. Sintomas]**. Gosta muito do trabalho porque tem receio de ficar em casa e não conseguir encontrar forças para fazer as atividades domésticas. É profissional reconhecida em sua área e admirada por sua performance **[IV. Recursos: Externos, internos e Crenças Positivas]**.

Kris também um receio profundo de escassez de alimentos **[V. Fantasias catastróficas]**. As duas irmãs mais novas parece não serem tão incomodadas com esse tema, apesar de não conversarem a respeito.

Por ser servidora pública de nível superior **[IV. Recursos]**, essa possibilidade é remota.

Ao sondar de onde vem esse receio em sua família de origem, comenta que a mãe nasceu na Europa pouco antes da II Guerra e passou por fome, mas raramente comentava algo a respeito. A avó foi enfermeira na 1ª Guerra e também passou por momentos muito difíceis.

O avô materno foi morto em batalha. O pai nasceu em cidade no interior do Nordeste brasileiro, passou por muitas necessidades e teve que lutar com muita dificuldade para chegar a um estado de equilíbrio financeiro. Conseguiu ser engenheiro de sucesso **[II. Resiliência]**.

A imagem que tem na cabeça é da avó costurando anéis no forro do casaco para poder trocar por comida **[I. Lembranças Traumáticas: TTT]**. Kris não presenciou essa cena, ocorrida à época da Guerra, mas ela a tem com nitidez na cabeça e é uma imagem que desperta muita pena pelo sofrimento vivido, assim como medo de que algo semelhante volte a acontecer **[V. Fantasias catastróficas]**.

Na adolescência passou por episódios significativos de anorexia, como tentativa de se controlar em caso de falta de comida. Até hoje apresenta constituição frágil. Em momentos de maior dificuldade emocional chegou a cortar-se algumas vezes, mas nunca consumiu drogas. Ficava no quarto olhando para a parede, imaginando assistir-se adulta vivendo na Riviera Francesa, local que nunca conheceu.

A mãe é portadora de transtorno psiquiátrico há muitos anos. Depois de inúmeros medicamentos e tentativas frustradas, Risperidona foi o que conseguiu estabilizá-la. Na infância e adolescência de Kris a mãe teve várias crises e internações. Falava sozinha à noite e às vezes quebrava objetos da casa **[I. Lembranças Traumáticas]**. O pai trabalhava muito e ausentava-se em viagens para construção de estradas. Cabia à filha mais velha Kris cuidar da casa. Com 13 anos, Kris teve mais de uma vez que tomar a iniciativa de chamar o pessoal da clínica para pegar a mãe em crise e interná-la **[I. Lembranças Traumáticas]**. Não se sentia adaptada à escola e sempre foi mais introvertida. Sempre teve poucas amigas, mas com bom desempenho escolar, por sua capacidade e disciplina **[II. Resiliência]**

Apresenta-se muito funcional hoje, sempre disposta a ajudar os outros **[IV. Recursos]**. Tem a plena consciência de ser uma pessoa correta e responsável. Tem grupo de amigas com as quais sai com regularidade **[IV. Recursos]**, mas avalia-se como emocionalmente frágil **[III. Sintomas, Crenças Negativas]**. Tem a esperança de que em sua terapia conseguir superar essas recordações difíceis, e quem sabe conhecer a Riviera **[VI. Expectativas Positivas]**.

